

Artes

Rede Nacional Funarte Artes Visuais 2011 8ª edição

Visuais

**Rede Nacional Funarte
Artes Visuais 2011 - 8ª edição**

Coordenação

Izabel Costa

Comissão de Seleção

Ana Paula Santos

Francisco de Assis Chaves Bastos (Xico Chaves)

Izabel Costa

José Maurício Dias

Vera Rodrigues

Administração

Marco Antonio Figueiredo

Oswaldo Alves

Apoio administrativo

José Rocha

Rodrigo Braga

Rui Pitombo

Wilson Baptista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FUNARTE / Coordenação de Documentação e Informação

Rede Nacional Funarte Artes Visuais (8.: 2011 : Rio de Janeiro, RJ)
Rede Nacional Funarte Artes Visuais / organização Izabel Costa, Ana Paula Siqueira. - Rio de Janeiro : FUNARTE, 2012.
200 p.

ISBN 978-85-7507-151-9

1. Artes 2. Arte - Brasil. 3. Arte - Prêmios - Brasil. I. Costa, Izabel. II. Siqueira, Ana Paula.

CDD 700.981

Intervenção Urbana pelo Ar

Origem: Fortaleza/CE

Ação: Marabá/TO e Campinas/SP

Arte e guerrilha: tomando as frequências do ar de assalto

“Os direitos se tomam, não se pedem; se arrancam, não se mendigam”

Durante todo o mês de abril de 2012, realizamos o projeto *Intervenção Urbana pelo Ar*, com o objetivo de criar uma estação de rádio nômade nas cidades de Campinas e Marabá. Além das transmissões radiofônicas, feitas na FM 103,5 Mhz, com o intuito de procurar os mais de 350 mortos e desaparecidos políticos da Ditadura Militar e questionar a falta de democracia nos meios de comunicação, realizamos oficinas para artistas, coletivos e movimentos sociais.

Em uma breve contextualização, vale mencionar que no início de 2009, quando presenciamos a emocionante chegada dos restos mortais do desaparecido político Bergson Gurjão, formamos um coletivo com intuito de realizar intervenções por justiça e memória: efetuamos alguns rebatismos de locais públicos com nomes de torturadores, performances em centros de tortura, além da colagem de imagem dos rostos dos desaparecidos políticos nos muros. Em 2012, passamos a uma nova fase de nosso trabalho. Mesclamos as temáticas referentes à ditadura a um dos seus piores resquícios: a atual ausência de democracia nos meios de comunicação. Um parêntese: no Brasil cerca de 10 famílias controlam 80% desses veículos, segundo o Jornal Brasil de Fato.

A partir daí, articulamos este projeto em dois focos: o primeiro voltado às questões referentes à ditadura militar, e o segundo, voltado aos pontos concernentes à falta de democracia nas mídias advindas, principalmente, desse período de exceção.

A cidade, foco das questões referentes à comunicação, foi Campinas/SP. A região, um dos berços das rádios livres, abriga a resistente Rádio Muda. Durante 14 dias, estivemos imersos no ambiente de experimentação da rádio que transmite há 20 anos, homologada pela liberdade de expressão, dentro de uma torre de caixa d'água. A guerrilha da comunicação havia começado: participamos de alguns



programas com a apresentação do nosso projeto e discutindo temas diversos da arte e política. Realizamos, também, a procura dos 140 desaparecidos políticos, emitindo os seus nomes num raio de até 10 km. Ademais do contato com o coletivo da Muda, gerido de forma autônoma e horizontal, realizamos, em ambas as cidades, uma oficina de dois dias sobre arte ativista. A parte prática era voltada para ensinar como fazer uma transmissão e finalizava com a entrada, ao vivo, dosicineiros na FM 103,5. Distribuimos gratuitamente um kit contendo um aparelho de rádio, uma apostila, um livro e um DVD com diversos materiais, a fim de fomentar um coletivo nas respectivas cidades.

Terminada a primeira etapa, partimos para a cidade relacionada ao foco Ditadura Militar. Marabá, no estado do Pará, foi uma das cidades cenário, em 1970, do movimento de resistência ao regime militar, denominado Guerrilha do Araguaia. Montamos nosso “aparelho” na sede de um centro sindical e, nos primeiros dias, levantamos nossa antena apoiada por barbantes e um pedaço de madeira encontrado no meio da rua. Além de fazermos a leitura do nome dos desaparecidos na rádio, também denunciemos, junto a alguns movimentos sociais, alguns dos torturadores que continuam impunes, acusados de crime de sequestro e desaparecimento forçado da guerrilha, como o Major Curió – conhecido carrasco da região. Um dos momentos mais intensos para nós foi a visita às famílias de camponeses torturados pelos militares. Seus relatos, seus olhares, seu gestos e suas vozes nos emocionaram ao comentarem, saudosos, sobre o “povo da mata” (nome dado aos guerrilheiros) e ao denunciarem as torturas que sofreram por parte do exército brasileiro. A matriarca de uma das famílias nos asseverou: “Vocês se parecem com eles, com os guerrilheiros”. O espírito de memória, mesclado ao de indignação, se intensificou quando visitamos a antiga base militar, centro de tortura e assassinato, chamada Bacaba; esse mesmo espírito se sensibilizou na intervenção que realizamos em memória aos 40 anos da Guerrilha no local de acampamento do chamado *Destacamento A* dos guerrilheiros.

Ao voltarmos à nossa cidade, carregados de outras vivências, realizamos o repasse do nosso projeto, propositadamente, no auditório da instituição que cursamos Artes Visuais e que possui o nome do ditador Castelo Branco. Fizemos uma intervenção esculachando a injusta homenagem a um ditador, dentro de uma instituição educacional. Publicamos, também, um artigo sobre nossa viagem em um dos maiores jornais impressos do estado, produzimos um vídeo registro disponível em nosso site eletrônico, assim como, no período da escrita deste texto, soubemos da consolidação de um coletivo do *Levante Popular da Juventude*, em Marabá, com praticamente todos os participantes da oficina que realizamos.

Por fim, além da satisfação de participar de um importante edital de política pública, ficou pra gente também a necessidade imprescindível de lutarmos seja estetizando a política ou politizando a estética, por mais memória e justiça!

